

Relato de experiência no IFPR - ação/projeto referentes à Educação do Campo

## CAPACITAÇÃO EM SEMENTES CRIOULAS: UMA EXPERIÊNCIA DO IFPR - CAMPUS IVAIPORÃ NAS ESCOLAS DO CAMPO

Ellen Rubia Diniz, Gisele Fernanda Mouro, Roseli Aparecida Vieira, Marcibela Stülp, Sonia Maria da Costa Mendes

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) - *Campus Ivaiporã*

*Palavras-chave: Educação do Campo; Agricultura Familiar; Sustentabilidade; Banco de sementes; Agroecologia*

### Introdução

A proposta de produção de alimentos dentro dos princípios da Agroecologia preza pela capacidade do agricultor em se autogovernar e apropriar-se do direito de escolha da forma de produzir e dos seus recursos produtivos, assim, exercendo a sua autonomia e protagonismo. De acordo com MAZZEI (2007), a soberania alimentar passa pelo direito dos povos de definir o modo de produção do seu próprio alimento, de proteger e regular a produção agrícola doméstica e o comércio, atender as metas de desenvolvimento sustentável, determinar sua autossuficiência e prover as comunidades locais.

O uso das sementes crioulas pelos agricultores é uma estratégia desse protagonismo na produção agrícola familiar frente à produção industrial e em larga escala, por conservar a base genética para a produção de alimentos e também por manter a cultura e a biodiversidade local.

A Lei nº 9.456/1997 em seu Art. 9º, Inciso IV limita o pequeno produtor rural, a multiplicar sementes para doação ou troca, exclusivamente para outros pequenos produtores rurais em condições bem específicas e autorizados pelo poder público. O art. 2º da Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003 no inciso XVI define cultivar local, tradicional ou crioula como variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizam como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais (BRASIL, 2003).

A lei brasileira faz uma exceção aos agricultores familiares para o uso próprio das sementes que colhem das variedades protegidas, em geral, as leis estão pautadas no sistema de proteção de sementes híbridas ou transgênicas, marcada pela proteção de patentes e conseqüentemente pela diminuição da autonomia dos agricultores.

Plantas originadas de sementes híbridas possuem alta uniformidade e homogeneidade, porém suas sementes não têm estabilidade e assim não reproduzem as mesmas características dos seus parentais. Sementes com origem em parentais híbridos apresentam baixo desempenho,

como isso o agricultor deve comprar novas sementes para a safra seguinte.

As variedades comerciais são cultivares melhoradas por introdução ou alteração de uma característica fenotípica que antes não possuía, claramente distinguível de outras cultivares conhecidas por uma margem mínima de descritores e deve apresentar homogeneidade e estabilidade através de sucessivas gerações. Diferente das cultivares híbridas, as variedades podem ser reproduzidas na propriedade sem perder suas características.

A fundamental diferença entre os materiais crioulos e os comerciais, além da sua constituição genética e suas características fitotécnicas, são a sua história e culturas das populações tradicionais associadas à sua forma de manejo, aos mitos e os ritos que as envolvem (FREITAS, 2005).

A opção por sementes híbridas amarra os agricultores ao mercado industrial e corporativo de sementes. O acesso a materiais genéticos crioulos com capacidade genética de bom desenvolvimento produtivo, capaz de viabilizar a produção com menor dependência de insumos, é uma limitação aos agricultores, principalmente aos mais descapitalizados.

As sementes são a base da tecnologia de produção de alimentos, esteja ela associada a alta tecnologia industrial ou a produção em base agroecológica que valoriza os sistemas de produção tradicionais e camponeses. A semente será sempre o principal recurso para a produção de alimentos. É fundamental destacar a importância das mulheres camponesas na defesa das sementes crioulas. A

***“A parceria com o IFPR foi importante porque trouxe um resgate de um patrimônio cultural, por considerar que muitos agricultores tornaram-se dependentes do uso de sementes tecnológicas oferecidas por grandes empresas. Esse curso foi de grande importância para valorização e incentivo do uso de sementes crioulas na agricultura familiar”.***

*Roseli Aparecida Vieira  
Coordenadora da Educação do Campo  
no NRE de Ivaiporã-PR*



semente também é um símbolo de resistência e de luta por diversos motivos pelas mulheres no campo (LIMA, 2017; FABRO & ESPINOSA, 2021).

O projeto sementes crioulas do IFPR *Campus Ivaiporã* iniciou em 2012 e desde então atende as demandas da comunidade interna e externa, buscando o debate associado a temas transversais que permeiam a proposta da produção agrícola familiar e de base agroecológica.

### Objetivos

O curso teve como objetivo formar multiplicadores nas escolas do campo junto às comunidades rurais para o estímulo ao resgate, valorização e propagação de mudas e sementes crioulas, tradicionais ou locais e também mobilizar as comunidades para a criação de bancos de sementes.

### Métodos

A experiência foi realizada no período de 17/05/2018 a 11/04/2019. O Curso de Capacitação em Sementes Crioulas foi demandado pela Coordenação das Escolas do Campo do Núcleo Regional de Educação do Estado do Paraná (NRE) de Ivaiporã ao IFPR *Campus Ivaiporã*. A proposta deveria atender a formação de educadores para o trabalho com sementes crioulas nas escolas estaduais do campo, casas familiares rurais e escolas indígenas, além de discutir e propor metodologias de trabalho pedagógico para serem utilizadas como ação de ensino nessas escolas, em diversas áreas do conhecimento.

O curso foi ministrado em quatro polos do NRE Ivaiporã, nos seguintes municípios: Ivaiporã, Manoel Ribas, São João do Ivaí e Grandes Rios. Foi organizado em duas etapas teórico-práticas de 6 horas cada, com aulas teóricas pela manhã e oficinas no período da tarde, mais 8 horas de trabalhos práticos desenvolvidos in loco pelos cursistas nas escolas, totalizando 20 horas em cada polo.

Os temas abordados no curso foram: agroecologia e sementes crioulas; estímulo ao resgate e valorização das sementes crioulas, tradicionais ou locais; multiplicação e qualidade das sementes crioulas; conservação das sementes; produção artística com sementes crioulas; autonomia e protagonismo e o direito dos agricultores. Os temas abordados nas oficinas temáticas foram: qualidade e conservação de sementes, produção de sementes crioulas e produção de caldas e biofertilizantes e Arte com sementes.

Cada escola participante recebeu do banco de sementes crioulas do IFPR *Campus Ivaiporã* um Kit com sementes de variedades de feijões, milho e adubos verdes, para iniciarem suas atividades.

### Resultados

A demanda para a realização do curso surgiu a partir das ações desenvolvidas no *Campus Ivaiporã* desde 2012, quando da implantação do projeto Sementes Crioulas sob a coordenação das Professoras Ellen Rubia Diniz e Gisele Fernanda Mouro. Neste projeto foram diversas as ações que permearam o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada, envolvendo estudantes, professores e a comunidade.

***“Precisamos somar o conhecimento científico aos saberes culturais para preservar e garantir um modelo de ensino que fortaleça os jovens nas escolas do campo, pois esse conhecimento reflete nas famílias que ainda se mantêm nos pequenos sítios e chácaras, e a isso chamamos Educação para humanidade!”.***

*Maria Cristina Zuqui Laverdi  
Diretora do Colégio Estadual do Campo  
Flórida do Ivaí, Grandes Rios-PR*

Foram certificados 144 cursistas das Escolas do Campo, sendo, professores, diretores, agentes e estudantes de 33 escolas distribuídas nos quatro polos, 61 cursistas do município de Grandes Rios de 3 escolas regionais, 31 cursistas no polo de Ivaiporã de 12 escolas, 27 cursistas no polo de São João do Ivaí de 9 escolas e 25 cursistas no polo de Manoel Ribas de 9 escolas. Ao todo foram 80 horas trabalhadas pelos professores do IFPR.

O programa do curso Capacitação em Sementes Crioulas permeou conceitos de autonomia e protagonismo dos agricultores, valorização, produção e conservação das sementes crioulas, produção artística com sementes, sustentabilidade da produção de alimentos e soberania alimentar. Envolveu temas transversais como a utilização de agrotóxicos, a produção extensiva em monoculturas, a utilização de sementes transgênicas, o êxodo dos jovens da agricultura familiar muitas vezes, influenciados pelos próprios pais, além da apropriação dos recursos naturais pela indústria corporativa e mercantilista.

O debate também incorporou o questionamento da produção de alimentos em escala industrial, do aumento significativo do uso de herbicidas, do uso de combustíveis fósseis, da contaminação intencional dos alimentos no processo de produção e também da contaminação da água por agrotóxicos.

Quanto à produção artística, procurou-se sensibilizar os participantes de que as sementes crioulas fazem parte da cultura material de um povo ou região. Concebe-se a cultura como processo de produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos, políticos e estéticos. Envolve a educação estética, que supõe questionamentos sobre o que vemos e como vemos em uma determinada obra ou artefato cultural (ROSSI, 2003; HERNÁNDEZ, 2000).

A avaliação dos cursistas foi positiva durante a finalização do curso em todos os locais de realização e ressaltadas a contribuição das discussões na reorganização dos saberes e práticas escolares. Ficou evidente a importância de proporcionar aos estudantes das Escolas do Campo o sentimento de pertencimento e de valorização da sua cultura, associada ao resgate do patrimônio cultural local.

O curso foi considerado um momento de análise e reflexão das condições existenciais dos sujeitos do campo,



de compreensão da importância e do valor das sementes crioulas para as comunidades. Diversos projetos foram desenvolvidos nas escolas como parte da capacitação, envolvendo não só a comunidade escolar, mas também a comunidade em seu entorno.

Para os professores do IFPR foi uma experiência significativa, rica e única esta aproximação com as Escolas do Campo. Um trabalho que possibilitou trocas, acesso a saberes, experiências em diversas comunidades e a certeza da práxis institucional cumprida.

*“A integração entre as áreas de Agroecologia e Arte foi extremamente significativa por complementar o processo de formação dos participantes. Os resultados das produções visuais com sementes crioulas demonstraram que é possível a sensibilização, a humanização e a exploração da criatividade para possível geração de renda na agricultura familiar”.*

*Sonia Maria da Costa Mendes  
Docente colaboradora do projeto, IFPR Campus Ivaiporã*

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2002. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças. Brasília, DF, 05 de ago 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.711.htm). Acesso em: 16 de maio. 2019> Acesso em 01 de abril de 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre, Artmed, 2000.

FABRO, J. R.; ESPINOSA. Mulheres e Sementes. Semente que se transforma – em vida. In. **Guardiã de sementes do Paraná: terra, alimento e preservação da vida pelas mulheres**. Organização Terra de Direitos; Coordenação Rede Sementes da Agroecologia. 1. ed. Curitiba: Terra de Direitos, 2021.

FREITAS, F. de O. Sementes crioulas: uma abordagem em comunidades indígenas. **Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia**. Comunicado Técnico, 2005.

LIMA, M. M. T. **Elas dizem não! Mulheres camponesas e a resistência aos cultivos transgênicos**. Campinas: São Paulo, 2015.

MAZZEI, U. Diferencias entre seguridad y soberania alimentaria. **Territórios. Guatemala, Soberania alimentaria**, v. 2, p. 50-53, 2007.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam**. Porto Alegre, Mediação, 2003.